



As 1.501 fotos espalhadas nas ruas causaram curiosidade

fazem parte de um “conjunto de transformações que têm alterado a paisagem das lutas culturais e políticas em torno das relações raciais em Salvador”.

A emergência dos blocos afros, nas décadas de 1970 e 1980, e a multiplicação de entidades políticas afrodescendentes evidencia uma mobilização da população negra na luta contra “desafricanização” da cidade, ocorrida nas primeiras décadas do século XX, diz o antropólogo. Ele explica que a “desafricanização” das ruas, da cidade e da vida cultural local era um movimento que pretendia apagar – expurgar ou assimilar – práticas culturais que remetessem à África ou à africanidade, como os candomblés, o carnaval negro das batucadas e afoxés e outras festas populares. A mobilização da população negra, que resgatou a resistência passada, resultou na “recente inclusão nos debates públicos da temática anti-racista e de valorização da contribuição negra à sociedade, forçando a constituição de agências governamentais, e de políticas públicas de

DIVERSIDADE CULTURAL A PARTIR DE PERNAMBUCO

Jornalismo cultural feito fora do eixo Rio-São Paulo. Essa é a proposta da revista *Continente Multicultural*, da Companhia Editora de Pernambuco. A publicação é abrangente e cobre temas ligados à arquitetura, artes plásticas, cinema, dança, fotografia, literatura e artes cênicas, conferindo visibilidade a artistas e movimentos culturais nordestinos e, principalmente, pernambucanos. Já foram pauta da publicação a obra do artista multimídia Paulo Bruscky, a cena musical pós-mangue beat na cidade do Recife e o trabalho do Grupo Grial de Dança, herdeiro do Movimento Armorial, criado por Ariano Suassuna, na década de 1970, para valorizar as culturas populares do Nordeste.

A revista conta, ainda, com uma série de edições especiais: os 60 anos do livro *Geografia da fome*, de Josué de Castro; a construção de Miguel Arraes como mito político; os 100 anos do frevo; a vida e a obra de Câmara Cascudo; entre outras obras e personalidades que já foram capa da “Continente Documento”.

Com tiragem de 10 mil exemplares, a revista é mensal e o resumo de suas matérias pode ser acessado em www.continentemulticultural.com.br.



Reprodução

caráter afirmativo”, avalia o antropólogo. Os efeitos da exposição são, para Pinho, como “ecos da mobilização secular pelo reconhecimento da presença negra na cidade como positividade”.

ANGOLA E BAHIA A mostra colocou nas ruas da cidade não apenas fotos de baianos, mas também de angolanos. Outro objetivo dessa intervenção fotográfica era produzir aproximações entre esses povos, como Sérgio Guerra já havia explorado em outra exposição: “Lá e Cá – São Paulo e São Joaquim”. A exposição apostou nas semelhanças entre baianos e angolanos para criar uma identidade entre eles. Entre as 16 mil fotos tiradas pelo fotógrafo, foram selecionadas as

que não deixavam explícitas diferenças entre esses povos, por meio de objetos, lugares, vestes ou cenas. Muitas pessoas passaram pelas ruas sem perceber que não se tratava apenas de baianos. Paula Barreto lembra que outros fotógrafos, como Pierre Verger, também buscaram evidenciar a continuidade entre a África e o Brasil que, em sua opinião, acabou não sendo o ponto forte da exposição. “Tenho a impressão que o público não percebeu a proposta”, diz. Apesar do slogan presente em alguns poucos anúncios do projeto, que diziam: “É Brasil. É África. É Bahia. É Angola. É Salvador Negroamor”.

Susana Dias